

Boa tarde a todos.

Queria dizer-vos da satisfação com que estou aqui, olhando um bocadinho para o que foi desenvolvimento e o ambiente que é uma área que acompanho.

Não sei se toda a gente que veio este Congresso começou por dizer que idade tinha no 25 de Abril. Na minha idade isso é um pouco duvidoso. Eu tinha 13 anos, mas já foi o suficiente para ainda em 1974 andar no liceu a vender um obscuro jornal chamado *Frente Ecológica*, que era o órgão do então movimento ecológico português de Afonso Cautela, de alguma maneira, pioneiro em 73, de um ecologismo político. Só vos estou a dizer, porque já naquela idade prestava alguma atenção à matéria e achei por bem que talvez fosse importante trazer-vos as minhas impressões intuitivas, não consubstanciadas em factos, números, mas não mais do que o meu *feeling* do que tem sido o nosso percurso ambiental ao longo destes 30 anos.

Maça-me um pouco que quando se fala em ambiente e desenvolvimento ir parar ao termo desenvolvimento sustentável, mas infelizmente ele ainda nos dá bastante jeito. Por isso ainda me vou referir um bocadinho a ele, para dizer que se olharmos para o que foi no sentido daquilo que se reconhece geralmente como os três pilares básicos do desenvolvimento sustentável. O pilar económico, o pilar social e o pilar ambiental, a minha impressão intuitiva é que se olharmos para o pré-25 de Abril tínhamos um país, consideravelmente insustentável, desde logo insustentável socialmente, por ser fruto de uma ditadura e pelo que aconteceu *a posteriori*.

Era provavelmente economicamente insustentável, basta olharmos para a Guerra Colonial, que nos manteria sob uma insustentabilidade clara. E o pilar ambiente, não estaria famoso, porque já muita intervenção desastrada no território teria sido feita desde a florestação, até à campanha do trigo, etc. No entanto, tenho a intuição que seria apesar de tudo dos três o que estaria mais consolidado, talvez pelas piores razões. As razões à custa de um manifesto atraso industrial, social, económico, digamos, sobravam algumas externalidades positivas para o ambiente naquela fase.

Se olharmos para o pós-25 de Abril devo dizer-vos que ali pelos meus 14 anos, tinha a visão de que as coisas iam mal, em termos de ambiente, mas que daí para adiante haviam de melhorar, tinha esta intuição. Lembro-me precocemente, porque estou pleno de uma conversa que tive com o meu pai, numa certa praia, em que ele a tinha visto sem acesso e eu já a tinha visto com um hotel, apartehotel, estrada, etc. A minha sensação é que aquilo não ia mais além, do que o apartehotel, a estrada, etc. mas devo dizer que não, a minha intuição quanto a isso é que a nossa situação territorial, ambiental, globalmente piorou nestes 30 anos. Piorou tudo, não é isso que quero dizer.

Se repararmos, do ponto de vista ambiental, a situação legal melhorou. Melhorou nomeadamente por impacto e influência da União Europeia. Tenho as minhas dúvidas se sem União Europeia teríamos uma legislação tão avançada como quanto a que temos em ambiente.

Em todo o caso, a União Europeia não nos obrigou a fazer uma Lei de Bases do Ambiente avançada. E nós temos desde 87, se olharmos para o que foi a nossa ocupação do território do ponto de vista de ordenamento, ou melhor desordenamento, de instalação de infra-estruturas de desenvolvimento de

silvicultura industrial, de como tratamos a costa, empreendimentos na costa, etc. é muito difícil encontrarmos bons exemplos de um rumo de sustentabilidade ambiental.

A coisa inverteu-se um pouco no sentido que passamos a ter mais desenvolvimento socio-económico, mas suspeito que à custa do pilar ambiente se ter encolhido um pouco. Hoje em dia como estamos, e também intuitivamente, eu gosto de dividir o ambiente em cinzento e verde. O ambiente cinzento o que é? Os rios poluídos, a qualidade do ar, o ruído, a poluição industrial, isso é o que chamo de ambiente cinzento. O ambiente verde é a natureza, posto de uma maneira simplificado, tem mais a ver com o verde.

Eu julgo que hoje em dia temos condições, para achar que o ambiente cinzento devia estar a melhorar ou tem condições para melhorar. Estou a dizer devia porque há pouco tempo houve uma notícia, dizendo-nos que três empresas portuguesas entre as mais poluidoras da Europa.

É bizarro, mas parece ser um facto, pelo que mantenho que onde temos rios muito poluídos, temos condições hoje em dia para ficarem melhor. Onde temos resíduos mal amanhados há muito tempo, temos condições para os tratar de outra maneira.

Portanto aí vejo com um certo grau de positividade quanto ao nosso desenvolvimento ambiental. O pilar verde, estou convencido do contrário, acho que o nosso ambiente verde não cessou de se degradar até hoje. Intuitivamente vos digo, que conheço várias áreas naturais, algumas de minha predilecção que estão literalmente debaixo de uma estrada, debaixo de uma barragem, arrasadas de uma maneira ou de outra, e quando não arrasadas, degradadas. E não conheço nenhum caso de uma área natural que estivesse degradada e tivesse sido reabilitada do ponto de vista da natureza.

Portanto tenho a impressão que isto acontece de facto. E porquê? Porquê é que há um declínio da nossa natureza? Porque a maioria das pessoas não atribui valor à natureza, é tão simples como isto. Para a maioria das pessoas, é uma ideia simpática mas não verdadeiramente importante, quando muito o valor que se lhe atribui é estético, turístico. Onde se lhe vê a verdadeira valia para o desenvolvimento económico e social, é naqueles casos em que a natureza nos presta serviços inestimáveis.

Dou-vos um exemplo muito simples. Suponhamos que a bacia de captação da barragem de Castelo de Bode era uma reserva integral, onde só se podia ir com autorização, construir nem pensar, e que usar a albufeira nem pensar, nem barcos, nem motores, nem seja o que for. Isto está muito longe de ser o nosso paradigma reinante, provocaria convulsão social se isso fosse uma proposta concreta. Agora imaginamos como seria a qualidade da água da albufeira do Bode e quanto se pouparia em necessidade de tratamento e indirectamente em qualidade de vida das pessoas que consomem essa água e dos benefícios que poderíamos poupar dela.

Há muitas vertentes do ambiente verde que, do meu ponto de vista, rendem para esta vertente do desenvolvimento económico e social, e de qualidade de vida. E isso é simplesmente desconsiderado na nossa sociedade e também o é noutras, é um facto, mas haverá algumas que tem essas percepção um bocadinho mais desenvolvida que a nossa, suponho.

Ainda outra vertente que nós exploramos pouco, já é aflorada em termos de discurso mas não é verdadeiramente acatada como algo válido, real, que é o ambiente como um factor de competitividade e de inovação para a economia.

Em que sentido o digo? Portugal a meu ver tem vantagem ambientais, apesar do declínio que eu falo, em relação a alguns dos seus competidores mais imediatos. Pensemos na Ásia e na Europa de Leste, face aos quais, apesar do que digo, ainda temos alguma qualidade ambiental, ainda não estamos a zeros. E além disso, somos um país desenvolvido que tem capacidade e experiência de lidar com problemas ambientais. Temos muita gente, quadros técnicos e experiência, inclusive na Administração Pública, para fazer algo positivo pelo ambiente. E se realmente a nossa sociedade sentisse que o nosso desenvolvimento passa por aqui, ou seja, que ele vai ser mais competitivo pelas nossas vantagens ambientais, em que paradigma podíamos estar? Por exemplo, na União Europeia defender uma postura ambiental avançada, relativamente vanguardista. A nossa prática não tem sido essa, já houve uns assomos disso no nosso percurso político, num discurso ambiental na Europa mais avançada.

Para terminar, aterrando no presente, em que tendências estamos? Estamos neste momento percorrendo um rumo mais no sentido que eu advogaria, ou seja, uma postura ambiental avançada, porque é benéfica para o desenvolvimento, sob vários pontos de vista, estamos muito longe disso.

Do meu ponto de vista nos dois últimos dois anos houve um retrocesso ambiental extremamente grande em Portugal. E podia-se pensar, inépcia dos responsáveis governativos, ministros do Ambiente pouco competentes, não é a minha opinião. Acho que pelo contrário houve uma política estruturada, bem conseguida e bem implantada de desconstrução da política ambiental.

Não estou a dizer com isto que sejam os responsáveis pela tutela do ambiente, os promotores desta política. Mas estou convencido que haverá esferas acima deles, terá havido nestes últimos dois anos, um plano para remover alguns obstáculos ambientais das actividades económicas em geral. Existem vários exemplos que posso advogar em defesa desta tese, que passariam pelos pilares regionais, os braços armados do Ministério do Ambiente terem perdido eficácia e até competências que eram as Direcções Regionais do Ambiente, hoje diluídas nas CCBR, o licenciamento industrial ter sido suavizado, a reserva ecológica e agrícola estar no rumo de ser municipalizada, deixar de ser nacional e por exemplo as áreas protegidas perderem a tutela do Ministério do Ambiente, que chegou a estar em concreto proposto, e muitos outros exemplos.

Tenho opinião muito forte em relação a isto, acho que há sectores anti-ambientais, ou mesmo *revengeistas* em relação à política de ambiente, que chegaram à esfera do poder e que tiveram paulatinamente tanto quanto possível a fazer a sua *revenge*.

Não é por acaso que reaparece, independentemente dos méritos e deméritos, a energia nuclear. Não pretendo discutir isso. É politicamente impossível implantar uma central nuclear em Portugal. Basta pensar, onde? É uma guerra que os ambientalistas nem têm de se meter, as populações encarregam-se de tratar desse problema se se chegasse ao ponto de em Conselho de Ministros aparecer a proposta, retomemos a energia nuclear porque há sectores perto do poder que são *revengeistas* e gostariam dessa grande derrota ser retomada.

Portanto, agora para concluir, viragens haverá com certeza nem que seja pelo rumo normal da alternância democrática. E também estou convencido que as sociedades estão perante um paradigma político, muito puxado para um

lado. Fomentam equilíbrios, ou seja, opinião pública que acaba por prestar atenção ao outro lado. Tive esperança que isso acontecesse na América. Não aconteceu tão em breve, mas penso que estamos num ciclo de queda desse ponto de vista, que será seguido de um ciclo de retoma de uma política ambiental forte, tão forte tenho as minhas dúvidas, haverá esta aposta que o ambiente é fundamental, como eixo competitivo para o desenvolvimento económico, social, etc. Tenho as minhas dúvidas até onde irá. Tenho a minha convicção que ainda temos a hipótese de ainda a fazer firme.